

HISTÓRIA E RETÓRICA NAS NARRATIVAS JESUÍTICAS NO MARANHÃO (SÉC.XVII E XVIII)

ROBERTA LOBÃO CARVALHO[□]

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, faço um primeiro esforço para entender a ideia de história que se encontra nos textos dos padres da Companhia de Jesus relativos ao Maranhão. De acordo com José Honório Rodrigues, “ninguém teve, no Brasil colonial, tanta consciência histórica como os jesuítas” (RODRIGUES, 1970: p.249). Mas que *consciência histórica* era esta? Certamente não é aquela que decorre da história como a compreendemos hoje¹.

A busca por esta compreensão será conduzida a partir do estudo de os textos produzidos no Maranhão nos séculos XVII e XVIII. Como fonte principal utilizarei duas crônicas. A primeira, *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão (1627-1698)* deve-se ao padre João Felipe Bettendorff, de origem alemã, que foi por duas vezes superior das missões do Maranhão e Grão-Pará (1669-1674 e 1690-1693), para onde seguira por influência de Antônio Vieira. Depois deste e do padre Luís Figueira, segundo Serafim Leite, “constituiu [...] a personalidade mais importante da Missão no século XVII” (LEITE, 1949: p.98), o período mais tumultuado da Companhia no Maranhão, em virtude do progressivo controle espiritual e temporal que ela adquiriu sobre os indígenas, como das duas expulsões que sofreu em função dos conflitos que daí se originaram. A *Crônica da Companhia* tem um estilo simples, sem os grandes ornamentos, que costumam caracterizar as narrativas jesuíticas. Os capítulos são curtos e relatam principalmente os acontecimentos cotidianos do período em que Bettendorff se encontrava na região.

A outra, *História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará*, deve-se ao padre José de Moraes. Data de 1759 e foi escrita, portanto, em período de intensa perseguição aos inicianos. Antigo teólogo da Junta das Missões, ele reuniu documentação para a sua história durante três anos. De acordo com José Honório

¹ Como exemplo de estudos sobre a consciências histórica tem-se : Hans-George Gadamer. *O Problema da Consciência Histórica*. Pierry Fruchon (org). 2ªEd. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2003

Rodrigues, “em 1759 partiu deportado para o reino, já com o primeiro volume escrito” (RODRIGUES, Op. Cit.: p. 293.). O segundo volume desta obra, porém, perdeu-se, ao que tudo indica. Serafim Leite afirma que Moraes escreveu sua *História* utilizando-se de documentos levantados pelo padre Bento da Fonseca, como provavelmente assumindo ainda o lugar do padre João Daniel. Nesse volume, embora utilize com frequência recursos retóricos, remete-se apenas a acontecimentos longínquos em relação ao momento em que escrevia e não chega a examinar os conflitos que levaram às sucessivas expulsões da Companhia de Jesus do Maranhão. Apesar disso, refere-se com decoro aos inimigos declarados dos jesuítas naquela época. No prólogo, afirma: “sempre receei fosse esta história a Helena pelo respeito da qual se viria abrasar esta miserável Tróia, vendo já arder a casa do meu vizinho”; ao que acrescenta um verso da *Enêida*: “já está queimando a casa de Ucalegon”, um dos amigos de Príamo na *Ilíada* (MORAES, 1987; p.09) ².

Além das duas crônicas achei profícuo para a discussão utilizar textos de mais dois jesuítas que são; *História do Fturo*, e o *Sermão da Sexagésima*, atribuído ao padre Antono Vieira, e *Crônica da Companhia de Jesus*, do padre Jacinto e Carvalho.

Os textos da Companhia de Jesus são retoricamente construídos, no sentido aristotélico, ou seja, visando persuadir pela verdade. Os recursos retóricos são utilizados para que o discurso jesuítico se torne mais atrativo a uma determinada audiência, no caso tanto as autoridades portuguesas quanto os superiores da Ordem. Através da análise destes textos, viso perceber como a relação entre retórica e história se estabelece nas narrativas inicianas. E para que esta percepção ocorra de forma satisfatória é necessário que se analise o período em que estas são construídas, pois “se a retórica é a arte de persuadir pelo discurso, é preciso ter em mente que o discurso não é e nunca foi um acontecimento isolado” (REBOUL, 2004). E ainda segundo Luis Costa Lima;

Por narrativa entendemos o estabelecimento de uma organização temporal, através de que o diverso, irregular e acidental entra em uma ordem, ordem que não é anterior ao ato da escrita, mas coincidente com ela, que é, pois constitutiva de seu objeto. (LIMA, 1989: p.07).

Dentro destas concepções que ora apresento, percebo que um discurso, mesmo que retoricamente construído, sofre influência do seu contexto.

² Doravante *História da Companhia*. A citação latina provém da linha 418 do livro 2 da obra de Virgílio: “Jam proximus ardet Ucalegon”.

1. Os séculos XVII e XVIII e a escrita jesuítica.

Nos séculos XVII e XVIII as ciências naturais estão em plena ascensão, se formam as Academias de Ciências e Arte, busca-se um método científico para se aplicar as ciências humanas, etc. Dentre ciências naturais a matemática predomina com seus resultados “exatos” e “infalíveis”, dando margem para que se crie um ceticismo em relação às ciências humanas e sociais, pois seus métodos eram considerados pouco eficazes para que se obtivessem resultados confiáveis. Desta maneira, constrói-se uma resistência em torno destas, principalmente a história que se baseia em estudos de pistas e vestígios do passado, que muitas vezes possuíam lacunas que cabiam ao historiador preencher.

Havia então o questionamento sobre a competência que este tal historiador possuía ao fazer seus estudos, quem garantia que estes não deformavam os acontecimentos atribuindo importância demasiada àqueles de pouca importância, ou calando “grandes eventos”? B.A Haddock escreve, “In face of this style of criticism, the historian is reduced to the status of a poet who supposes (naively) that the figments of his own imagination are true. The activity of historians becomes not merely difficult or uncertain but absurd.”³(p. 48)

Ainda de acordo com Haddock, o mais interessante é que a busca para correção deste ceticismo começou no campo de questões religiosas, mais precisamente com a Reforma Protestante. Católicos e protestante buscavam evidências incontestáveis para provar que sua Fé era a correta e verdadeira. Estes acabaram opondo-se ao chamado *fideísmo* (que afirmava que a Fé não se justificava ou provava acreditava-se por si mesma) ao buscarem provas de certa forma racionais de sua Fé.

Os Eclesiásticos não criam que a interpretação das *Sagradas Escrituras* era o suficiente para justificar a Fé, era necessária uma reflexão disciplinada das doutrinas católicas. Desta maneira explicavam a precisão da existência da Igreja neste momento específico que caracterizava as regras da fé.

Neste cisma do Cristianismo entre católicos e protestantes, o mundo da Fé deu uma contribuição importante para a busca de uma história que utiliza-se de métodos e

³Em face deste estilo de crítica, o historiador é reduzido ao status de um poeta que supõe (ingenuamente) que os frutos de sua imaginação são verdadeiros. O trabalho do historiador torna-se não apenas difícil ou incerto, mas absurdo. (Tradução Livre)

provas científicas na sua escritura, na sua arte de fazer. Porém esta fora mais empírica que teórica, pois buscavam incessantemente provar que as fontes que utilizavam para a escritura de suas hagiografias eram confiáveis, porém eles pouco refletiam teoricamente sobre elas, ou a respeito de sua aplicabilidade.

Neste mesmo espaço temporal se insere a ação da Companhia de Jesus. A sua produção escrita fora emblemática na busca de um método e da utilização de fontes, dita por eles confiáveis, para escrever suas crônicas, história, cartas ou qualquer outro tipo de relato. Porém, segundo João Adolfo Hansen nos textos jesuíticos não se encontra a “História Iluminista que se ocupa daquilo que não se repete” (HANSEN, 1995: pp.153 e 158). Eles organizavam seus textos de maneira que melhor lhes conviesse, diferindo de certa maneira da orientação que a história estava tomando neste momento. Ainda segundo Hansen,

a representação colonial propõe que a natureza e a história são simultaneamente efeitos criados por essa Causa [Deus] e signos reflexos dessa Coisa, não se encontrando em nenhum momento as noções iluministas de ‘progresso’, ‘evolução’, ‘crítica’, ‘revolução’, nem as ideias de ‘estética’, ‘originalidade’, ‘ruptura’, ‘autonomia estética’, [...]. Então, a postulação da Causa Primeira, Deus, faz ler a natureza e a história como livros onde a Providência escreve a intenção secreta de sua vontade. (HANSEN, 2007: In: www.geocities.com).

Esta história de orientação providencialista estava permeada de preceptivas retóricas, mas mesmo nestes moldes os jesuítas certamente se preocupavam com a validade de seus relatos, pois neles utilizavam documentos, ou ainda afirmavam que eles mesmos foram testemunhas oculares do que narram. Por exemplo, João Felipe Bettendorff afirma em sua *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*, que ele mesmo chegou a ver os documentos de doação de sesmarias à Companhia de Jesus no início das missões do Antigo Estado do Maranhão, e a comprar “vários chãos que estavam ao redor de nosso Colégio” (BETENDORFF, 1990: p.43);⁴ e chegou a conhecer testemunhas da demarcação das terras que “ainda alcancei no ano de 1663, no Maranhão” (Ibid. p.44).

Este é apenas um exemplo de como estes padres se preocupavam em afirmar que o que escreviam era verdadeiro e baseado em fontes fidedignas. Porém, mesmo com todo este esmero com as fontes, os padres dispunham delas da maneira que melhor se

⁴ Doravante *Crônica dos Padres*.

adequassem a suas intenções, sem se importar em dar maior destaque a acontecimentos que seriam, dentro do conjunto vistos como sem importância, ou mesmo sem se ater à cronologia “exata” dos acontecimentos. O padre José de Moraes escreve que dispõe dos acontecimentos em sua narrativa de jeito que “se façam recomendáveis à posteridade dos tempos, de modo que nem seus membros não de sair tão grandes, que passem a ser disformes, nem tão diminutos, que pareçam defeituosos por pequenos” (MORAES, Op. Cit: p. 15).

Os padres estavam mesmo interessados no caráter edificante de suas narrativas, pois criam que tudo estava inserido em uma dada Ordem, e que corriam para um fim comum que era o bem do “Corpo Místico” ao qual o rei era a cabeça, constituindo-se desta maneira a “Razão do Estado”, que visava levar a civilidade e a fé católica a todos debaixo da insígnia da Coroa de Portugal.

Tais textos não podem ser analisados a partir de referenciais estéticos e teóricos com os quais se estuda textos da atualidade, isso incorreria em erros e mal entendidos que atrapalhariam a análise sensivelmente. Tem-se que examinar as fontes jesuíticas como aquilo que Adolfo Hansen (2007) chama de letras coloniais, ou seja, devem ser percebidas em um contexto específico para serem devidamente estudadas e compreendidas.

Adiante analisarei a forma que as crônicas jesuíticas possuem e os principais elementos que as assemelham a escrita das cartas jesuíticas e dos elementos retóricos que as compõe, pois estas são importante para se entender como a história é concebida por estes missionários.

2. A forma

Os jesuítas não deviam atuar somente sobre ordens diretas de um superior presente, cada qual devia ser capaz de tomar decisões. Esperava-se que um jesuíta fosse apto a agir por conta própria, mas a sua atividade epistolar era tão importante que “diferentemente de outras atividades deixadas à iniciativa individual, esta era regulada por prescrições rígida, que distinguiam gêneros epistolares conforme os conteúdos e destinatários” (POMPA, 2003: p.81).

A epistolografia jesuítica e parte da arte da escrita eram regidas pela *Ars dictamines*⁵ medieval e moderna. Essa arte de época favoreceu também o conhecimento das crônicas como a de João Felipe Bettendorff e José de Moraes. Classicamente a carta erudita é assim dividida: *salutatio, captatio benevolentiae, narratio, petitio e conclusio*.(PÉCORA & CARDOSO, 2008) Esse modelo é estudado por Alcir Pécora que afirma,

as cartas não testemunham, nem significam nada que sua própria tradição e dinâmica formal não possam acomodar. Bem ao contrário, os seus conteúdos mais complexos, como o índio ou o jesuíta, ou ainda melhor, o índio do jesuíta são funções estritas dessa acomodação histórica do gênero(PÉCORA, 2001: p.18).

Pécora desenvolveu um estudo da *Ars Dictaminis* ao longo da tradição epistolar moderna. Na mesma direção Guilherme Luz afirma que;

destacando o profundo interesse que esta arte despertou no século XVI, no seio da Companhia de Jesus, em especial no seu próprio fundador, Santo Inácio de Loyola. Para o autor, a companhia não aplicou simplesmente as técnicas disponíveis para confecção de cartas adaptando-as a sua necessidade práticas. Mais profundamente, ela as aperfeiçoou, incorporando-as às práticas adequadas à atividade missionárias (LUZ, 2003: p.34).

Para Pécora, da mesma forma, o principal texto da Companhia de Jesus que trata das cartas como instrumento útil a fé católica são as *Constituiciones Inacianas*, do qual se retirou as três funções básicas das correspondências: informar, reunir todos em um e gerar uma experiência mística ou devocional. “A *ars dictaminis*, portanto, tornar-se-ia, na sua versão inaciana, algo comparável às fábulas místicas dos séculos XVI e XVII, [...]. Nas suas formas particulares, a ‘carta jesuítica’ atualiza a própria mística inaciana” (LUZ, Op. Cit: p.34)

Mais do que relatos de espanto dos jesuítas sobre o novo mundo, elas possuíam uma expressão maior, e seu conteúdo se modificava de acordo com sua maior ou menor circulação. Para Cícero as cartas nasceram do,

desejo de informar aos ausentes, quando era interessante para eles ou para nós que eles fossem informados de qualquer coisa [...] , as cartas se dividiam em pelo menos três gêneros: cartas de informação; cartas familiares ou jocosas (ou privadas), cartas severas e graves (ou pública)(TIM, 2003: p.31).

⁵A *ars dictaminis* é uma arte que ensina a escrever uma carta erudita segundo normas já previamente estabelecidas por tradições e tratados clássicos e medievais.

Depois de estudar a respeito das cartas jesuíticas, pude inferir que as crônicas produzidas por eles podem ser analisadas enquanto uma espécie de carta *pública* ou *negocial*, que “trata de assuntos de interesse geral, por isso admite a dissertação, a erudição, a doutrina, os ornamentos e a polêmica, [...]. Diferente da *carta familiar* que de preferência é breve” (HANSEN, 2003, p.18). A *carta negocial* possuía um caráter edificante e qualquer um poderia ler seu conteúdo, incluindo autoridades portuguesas. Semelhante as cartas, a crônica jesuítica também tinha como objetivo circular e levar informação a todas as partes, elas comportam três níveis básicos de intervenção sobre a realidade;

1º Informação da situação específica das missões, dos lugares e dos homens; 2º Reforço no sentido de solidariedade da Ordem, a partir de práticas e métodos compartilhados; 3º Construção de uma mensagem devota, acomodando as circunstâncias ao padrão retórico e preceitos escolásticos do período (PÉCORA. Op. Cit.: p.28).

Portanto, ao analisar a constituição das *cartas jesuíticas* estou também analisando a *crônica*, que se estabelece como um dos gêneros pertencentes à epistolografia jesuítica, no caso específico a *carta negocial*.

As crônicas seguem o mesmo modelo na estruturas, primeiro possuem uma dedicatória. João Felipe Bettendorff oferece a sua a “Virgem Mãe de Deus, nossa Senhora da Luz” (Op. Cit. p. 01), por sua vez, José de Moraes dedicada às “reais cinzas da Fidelíssima Senhora D. Mariana D’Austria” (Op. Cit. p.05). Nestas dedicatórias os padres acabam por seguir certo roteiro, primeiro fazem a dedicatória, depois se humilham afirmando não serem dignos de realizar a tarefa, afirmam que suas crônicas nada valem. Neste sentido Bettendorff escreve:

Assim também por esta via vos é sempre devida *essa obrazinha*, pelo que, Senhora, daí licença a *este vosso servo mais inútil* que, prostrado aos vossos virginais pés, vos tribute o efetivo de vossos favores, recebidos desde os primeiro princípio de vossa liberalíssima mãos. Não enjeiteis, Senhora, esta *ofertazinha*, posto suposto que não é merecedora de aparecer à vossa presença, pela ilimitação de vossa incomparável grandeza, por ser oferecida de um missionário que com tanta frouxidão se houve em vosso serviço (Op. Cit.: PP. 1 e 2, grifos meus).

José de Moraes, quase meio século depois em sua dedicatória também diminui sua crônica;

e eu agora com a presente história, muito além da sepultura, dedicando-a à saudosa memória de Vossa Majestade, *não pelo tosco e pouco polido da obra, que, como tal, a julgamos justamente indigna de chegar ao venerando túmulo* de suas reais cinzas, mas sim pela matéria, por ser ela toda do agrado de Vossa Majestade (Op. Cit.: p. 8, grifos meus).

Esses recursos de humilhação, de diminuição de si e de suas crônicas se assemelham a uma das artes do Exórdio, a *captatio benevolentiae*, “a qual reúne procedimentos que buscam a disposição favorável do leitor para o que se há de seguir” (PÉCORA, Op. Cit.: p.35). Nestas passagens encontra-se a auto-humilhação de Bettendorff, ao se colocar como o missionário que com “tanta frouxidão se houve em vosso serviço”, e os dois cronistas afirmam que seus textos são inferiores em qualidade.

Outro recurso utilizado nas crônicas é afirmar que elas não foram escritas por vontade própria, este recurso também é observado por Pécora na análise empreendida a respeito das cartas escritas pelo padre Manoel da Nóbrega. Este recurso se encontra logo após a dedicatória, no prólogo em que os padres se dirigem aos leitores.

Pareceu-me haver-vos de advertir de três coisas, que, ignoradas, poderiam ocasionar-vos algum justo reparo.

A primeira é que eu me não ingeri a escrevê-la por minha própria eleição, mas sujeitei-me a este trabalho visto o padre Bento de Oliveira, Subprior da missão daquele tempo, e seu sucessor, o padre José Ferreira mostrarem gosto nisto (BETTENDORFF, Op. Cit.: p. 03).

E ainda José de Moraes;

Se soubesse os motivos que me obrigaram a meter os ombros a uma obra tão alheia das minhas forças, não só me desculparás pelo atrevido, senão que até te há de compadecer pela infelicidade de aparecer, sem o buscar, porque sempre busquei parecer o que na verdade era sem afetar o nome de historiador, que confessava à boca cheia não sabia nem ainda o genuíno nome da História, por mais que nela me aplicasse sem fruto. Mas que há de ser se para ser em tudo desgraçado, até a mesma confissão, sendo tão verdadeira, me não pôde pôr em graça: pensão inviolável de um pobre súdito estar sujeito às infalíveis execuções de um prelado (MORAES, Op. Cit.: p. 09).

Pode-se observar que estes recursos são utilizados para demonstrar a obediência dos padres diante de uma ordem, que por vontade própria não aceitariam tal missão, por se acharem incapazes para realização de tal feito, mas como obedientes metem-se ao trabalho. Há ainda nos textos a utilização de outros recursos, mas estes que acabei de analisar são os mais evidentes nas crônicas.

Ainda a respeito da semelhança na estrutura, logo após o prólogo os padres iniciam seus textos dando notícia sobre o Maranhão, seu descobrimento, suas terras,

ares, mares, fauna e flora, e ainda de seus povos, e principalmente iniciam com a primeira missão dos padres da Companhia de Jesus até tais terras, a missão empreendida pelos padres Francisco Pinto e Luís Figueira. Narrativa esta que pode ser considerada como exemplar por conter todos os requisitos necessários para tal.

Esta contém relatos das dificuldades encontradas em missão, das bênçãos que Deus providencia quando os missionários conseguem alcanças o coração dos indígenas e principalmente do martírio, tão desejado pelos jesuítas, em nome da fé católica. Caracterizando aquilo que Pécora destaca como “*Fezes do Calix* da salvação do gentio, em que a fé traduz-se, por vezes, não apenas como aceitação voluntária da morte, mas como desejo mesmo do martírio”(PÉCORA, Op. Cit. PP., 37 - 38).

Nas narrativas há uma série de passagens que relatam episódios cotidianos, esses prendem atenção por sua narrativa sobre a natureza, típico da história natural das Literaturas de Viagens, que ressalta especificidades sobre o clima e a boa terra, assim como a ingenuidade e docilidade dos originários da terra. Para Fernando Cristovão,

O papel desempenhado pela História Natural nos Literatura de Viagens é verdadeiramente notável. Não só porque viajar é observar coisas diversas e nessa diversidade o que imediatamente solta à vista é a paisagem natural, sobretudo quando é diferente, mas também porque uma tradição quase congênita associou a descrição à narração, e nela a circunstância, natural ou social, teve sempre lugar (CRISTOVÃO, 2002: p.185).

Para não me estender mais nesta discussão quero afirmar que os cronistas também seguiam uma ordem em sua escrita, envolvida no projeto de manter a união e o consolo dos membros da companhia de Jesus espalhados pelos quatros cantos do mundo. Esta era feita para alcançar diversas finalidades, entre elas à de servir de registro e base para a memória da Companhia.

Depois deste breve estudo passo agora a analisar a concepção da temporalidade presente nos textos jesuíticos, para tal além das Crônicas de Bettendorff e Moraes, utilizarei também a crônica do padre Jacinto de Carvalho e textos do padre Antônio Vieira, que me parecem complementar este estudo.

3. O tempo

Ao analisar a ideia de história que se encontra nos textos jesuíticos dos séculos XVII e XVIII, o primeiro ponto que precisei ponderar foi o tempo. Este que não deixa de ser o mais importante objeto de estudo da história enquanto disciplina. De acordo

com umas das definições mais utilizadas a respeito da história, March Bloch afirma a história é a “ciência dos homens no tempo”(BLOCH, 2001, p.55).

Logo, estudar a história é perceber como os homens agiam dentro de uma determinada temporalidade. Neste trabalho mais necessário ainda do que perceber como os jesuítas observavam a ação do homem no tempo, é analisar como eles representava o próprio tempo, e as dimensão que este possuía nas letras coloniais.

Os inicianos relacionavam tranquilamente, acontecimentos bíblicos com eventos de seu tempo. O tempo, para eles, era subordinado à lei e a Graça divina, na qual o passado era constantemente atualizado. “Tratava-se, pois, de expectativas que não podiam ser desfeitas por nenhuma experiência contraria porque se estendiam para além deste mundo” (KOSELLECK, 2006, p.316).

Um dos mais celebre jesuítas do século XVII é o padre Antônio Vieira. Que escreveu textos como *História do Futuro*, e seus maravilhosos sermões, como o *Sermão da Sexagésima*. Nestas duas narrativas encontram-se exemplos da concepção de história e de temporalidade possuída pela Companhia de Jesus. Viera facilmente faz comparações entre o Faraó do Egito e o Governador do Maranhão, relaciona regiões separadas geográfica, e cronologicamente como se estas compartilhassem da mesma função histórica, ou da mesma razão da Providencia divina. Adolfo Hansen afirma que, “em Antônio Viera, o tempo subordina a natureza e a história a si como figuras ou alegorias do divino porque o tempo é teologicamente qualificado” (HANSEN, www.folha.uol.com.br).

Ainda de acordo com Hansen, para este famoso sermonista “todos os tempos prefiguram o eterno e, em todos os tempos o eterno é o atual” (Id. Ibid.). Assim observa-se que para ele seria possível escrever uma *História do Futuro*, já que concebia a temporalidade como emanção da figura de Deus. Para Vieira a narrativa de um jesuíta deveria;

observar religiosa, e pontualmente todas as leis da história, seguindo em estilo claro, e que todos possam perceber, a ordem, e sucessão das coisas, não nua, e secamente, se não vestidas, e acompanhadas de suas circunstancias: e porque havemos de distinguir tempos, e anos, sinalar Províncias e cidades, nomear nações, e ainda pessoas(VIEIRA, 1998, PP. 12-13).

Observo a ênfase dada pelo padre à intenção de fazer com que os missionários espalhados pelo mundo pudessem compartilhar da mesma experiência mística, usando a história como exemplo moral. Produzindo desta maneira uma imagem da Companhia

com a finalidade de provocar edificação e apoio. Para os padres a escrita era encarada como uma montagem definida pelos fins e destinatários.

As representações jesuíticas concebem a temporalidade e a história providencialmente, podendo desta forma relacionar experiências do passado a expectativas do futuro. Como Deus era para os inicianos a Causa Primeira, os eventos se repetiam por serem espelhados na ação Divina, como a retórica e a tradição bíblica.

4. A retórica

Tal qual a concepção da temporalidade os jesuítas também se utilizavam de recursos retóricos, um destes é o chamado *Conceito Engenhoso* utilizado para representar a chamada Luz Natural da Graça, com tópicos que se encenam geralmente na repetição do tempo.

Ainda que dotados de uma perspectiva cristã da história, uma história linear cujo fim, a consumação dos tempos, estava anunciado desde o início, desde a criação, os jesuítas criam que havia uma repetição nesta linearidade. Dessa maneira, podiam representar suas ações como reflexos de acontecimentos bíblicos. Desta maneira em *História do Futuro* o padre Antônio Vieira compara a narrativa encontrada no Velho Testamento, sobre as profecias feitas para os cativos da Babilônia, com a grandeza de Portugal disposta na tese sobre o Quinto Império do Mundo.⁶

Boa esperança para um cativo, ainda que não fosse muito velho. De que me serve a esperança da liberdade, se primeiro se há de acabar a vida? Os mesmos podem argüi os que hoje vivem com estas esperanças de Portugal; mas quando há de ver Portugal estas esperanças (VIEIRA, Op. Cit. p.)

Vejo a utilização do mesmo recurso no *Sermão da Sexagésima*, no qual Vieira compara as dificuldades enfrentadas pelos jesuítas com a Parábola do Semeador do Novo Testamento, afirmando que as dificuldades passadas pelos jesuítas na missão do Maranhão foram semelhantes ao que ocorreu com as sementes espalhadas pelo semeador.

Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi maior. A maior é a que se tem experimentado a seara aonde eu fui, e para onde venho. Tudo o que aqui padeceu o trigo, padeceram lá os semeadores. Se bem advertides, houve

⁶ Essa tese se pautaria na idéia de que houve quatro grandes Impérios, o Império da China, o dos Tártaros, o Persa, e dos Mongóis. O Quinto Império seria o império de Cristo e dos cristãos, comandado por Portugal e seu ressurreto rei D. João IV.

aqui trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido e trigo pisado. [...] Tudo isso padeceram os semeadores do evangelho na missão do Maranhão de doze anos a esta parte. Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na grande boca do rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque outros comeram os bárbaros na ilha dos Aroãs; houve missionários mirrados, porque tais tornaram da jornada ao Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve que andando vinte e dois dias perdidos nas brenhas matou somente a sede com orvalho que lambia das folhas [...], e que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens. (Sermão da Sexagésima)

Encontra-se no *Sermão* o caráter edificador pertencente à escrita missionária jesuítica. Neste sentido os sacrifícios que os padres faziam pela missão, eram percebidos como grande honra “não me queixo nem digo, senhor, pelos semeadores; só pela seara o sinto. Para os semeadores isso são glórias” (Op. Cit.).

Tal qual Antônio Vieira no seu *Sermão da Sexagésima*, Felipe Bettendorff em sua *Crônica dos Padres da Companhia*, utiliza-se da mesma alegoria pra tratar as ações dos missionários que trabalharam na construção e organização de suas missões no Maranhão, destacando principalmente a figura do padre Luís Figueira, que já havia tentado conquistar tais terras junto com o seu companheiro o padre Francisco Pinto, mas essa empreitada fora interrompida na Serra de Ibiapaba em 1608 com a morte do padre Pinto, ocasionada pelo ataque de indígenas ditos pelos padres como “bárbaros”, os Tacarijus.

Ao tratar das ações de Luis Figueira em particular, tanto Betterndorff quanto Moraes, afirmam que o padre fora poupado na Serra de Ibiapaba, “pois havia de lançar depois os primeiros fundamentos da missão jesuítica no Maranhão” (MORAES, Op. Cit. p.) e “deixou a Providência de Deus vivo [...] para ter daí por diante um martírio mais prolongado, [que seria o naufrágio que viria a sofrer em 1646] quando veio fundar a cidade de S. Luís, cabeça do Estado, com outro padre que o acompanhava em seus trabalhos”; para um bem que seria caracterizado como maior “porque diz Cristo que se o grão lançado a terra vier a nascer há de dar abundante fruto”(BETENDORFF, Op. Cit. p.42).

A Parábola do Semeador, presente no Novo Testamento, é aqui é utilizada para fazer menção ao trabalho que foi realizado por Luís Figueira, a semente que “não teria caído à beira do caminho e comida por aves, caído em solo rochoso e queimada de sol e secado por não ter raiz, ou caído entre os espinhos, sendo sufocada por estes, mas caiu

em boa terra e deu bons frutos”.⁷ Ou seja, a semente que fora poupada para por fundar a missão no Maranhão.

Na *História da Companhia de Jesus* de José de Moraes encontram-se alegorias parecidas, este padre assim como os outros compara os acontecimentos da missão do Maranhão a acontecimentos bíblicos. Na narrativa da missão feita pelos padres Pinto e Figueira a Serra de Ibiapaba, Moraes afirma que “pisaram esta serra, que para eles se podia chamar agora terra de promessa” (MORAES, Op. Cit. P. 32). Percebe-se deste modo a comparação estabelecida entre a jornada dos missionários para chegar a Serra do Ibiapaba com a dos israelitas que, de acordo com as escrituras bíblicas, passaram 40 anos no deserto. A Serra era a terra prometida na qual emanavam leite e mel, e os missionários comparados aos israelitas, povo escolhido por Deus para habitar a tal terra prometida.

Estes recursos retóricos são recorrentes em textos de vários jesuítas, como mais um exemplo tem-se a passagem da *Crônica da Companhia de Jesus no Maranhão* do padre Jacinto de Carvalho, que compara as lágrimas derramadas pelo padre Francisco Pinto a se despedir dos índios do Ceará, com as lágrimas de Cristo ao encontrar Madalena, quando da morte de Lázaro presente no Novo Testamento, e com passagens do Velho Testamento ao citar Isaías:

Choravam os índios ao ficarem sem os padres e choravam também os padres por verem chorar os índios, que até *Cristo vendo chorar Madalena, deixou correr as lágrimas de seus divinos olhos.*

A disposição que viam nestes pobres índios para serem bons cristãos, e havendo de deixá-los, lhes partia os corações, e como se Isaías lhes disse *plangite super regionem desidebilem, super vieneam fertilem, (Batei no peito por causa dos campos aprazíveis e por causa das vinhas frutíferas), multiplicaram sua lágrimas sobre as lágrimas dos índios* (CARVALHO,1995, p.61).

Tais recursos são utilizados com a intenção de representar a história como uma constante atualização do tempo divino, os padres jesuítas construía suas narrativas, imbuídos destes sentidos. Mas não se pode esquecer que estes escreviam para um determinado auditório, com uma finalidade. Logo seguiam preceitos e decoros indispensáveis para atingir o objetivo maior de suas narrativas. Edificar, animar consolar e informar a respeito das missões seus infortúnios e sucessos.

⁷ Mateus,13; versículos e 1 a 9; Marcos 4, versículos de 1 a 9 e Lucas 8, versículo de 4-a 8.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa jesuítica encontra-se muito próxima da *retórica*, essa arte de persuadir pelo discurso, como diz Olivier Reboul (2004), a qual, para os antigos, dividia-se, segundo Chaïm Perelman, em três gêneros oratórios:

O deliberativo se refere ao útil e diz respeito aos meios de obter adesão das assembléias políticas; o *judiciário* se refere ao justo e diz respeito à argumentação perante juízes; [por fim,] o *epidictico*, tal como é representado pelo panegírico dos gregos e pela *laudatio funebris* dos latinos, se refere ao elogio ou à censura, ao belo e ao feio (PERELMAN, 1997,0p.67).

Nas crônicas encontram-se todos estes gêneros, o epidictico quando se trata do louvor as ações dos primeiros missionários e daqueles que atuaram na consolidação da missão, muitos perdendo a vida para tal. O deliberativo quando escreviam com a finalidade de obter algo a favor de suas missões, e o judiciário utilizado principalmente quando se trata da liberdade indígena.

Ao mesmo tempo, no fundo, os padres da Companhia de Jesus continuavam a observar a história como *magistra vitae*, como *mestra da vida*. Isso quer dizer que escreviam seus relatos não com a finalidade primordial de registrar ou esclarecer algum episódio do passado, mas, sim, com aquela de apresentá-lo de modo a edificar seus leitores.

Assim sendo, identificar os recursos retóricos encontrados na narrativa das crônicas significa identificá-las como uma *história exemplar*, bem diferente, ao que tudo indica, daquela investigação racional que, do século XVI ao XVIII, foi constituindo-se como a disciplina que conhecemos hoje e que se fundamenta em uma *consciência propriamente histórica*, ao contrário do que argumentou José Honório Rodrigues.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

BETTENDORFF, João Felipe. **Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão (1627-1698)**. SECULT, 2ªEd. 1990.

MORAES, José de, S.J. **História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará (1759)**. Ed. Alhanbra, 1987.

Artigos, livros, teses e dissertações.

LUZ, Guilherme Amaral. **Carne Humana: a retórica do canibalismo na América portuguesa quinhentista**. Campinas: [s/n.]. Dissertação de Mestrado apresentada a UNICAMP, 2003.

HADDOCK, B.A. **An Introduction to Historical Thought**. Edward Arnold.

HANSEN, João Adolfo. **Ler e Ver: Pressupostos da Representação Colonial**. In: www.geocites.com. Acesso. 26/11/2007.

_____(org.). **PE. Antônio Vieira: Cartas do Brasil (1626-1697) Estado do Brasil e Estado do Maranhão e Grão-Pará**. Hedra. SP, 2003.

_____**Para uma História dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII, e XVIII**, In: João Fares Jr. & Marcelo Jasmin (orgs.). **História dos Conceitos: diálogos transatlânticos**, Rio de Janeiro, PUC-Rio/Loyola/UPERJ.

_____**Práticas Letradas Seiscentistas**. In.: Discurso, N°25, 1995, PP.153-183.

_____**Metafísica contra-reformada do teólogo subordina a história ao tempo: O Profeta da Luz**. Disponível em www.folha.uol.com.br

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**, Rio de Janeiro, Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo VIII, 1949.

LIMA, Luis Costa. **A Aguarrás do Tempo: Estudo sobre a narrativa**. RJ. Rocco, 1989.

Mateus,13; versículos e 1 a 9; Marcos 4, versículos de 1 a 9 e Lucas 8, versículo de 4-a 8

PÉCORA, Alcir & CARDOZO, Alirio. **Da Língua a Escrita: a epistolografia jesuítica na Amazônia (séc. XVII-XVIII)**. IN: FIGUEREDO, Aldri. **Enciclopédia Cultural da Amazônia**. vol.; I. SP. Fundação da Amazônia. 2008 (no Prelo.)

PÉCORA, Alcir. **Máquina de Gêneros**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

PERELAM, Chaïm. **Retóricas**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

POMPA, Cristina. **Religião como Tradução: missionários, Tupi, e Tapuias no Brasil colonial**. SP. EDUSC. 2003.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**, trad. de I.C.Benedetti, São Paulo, Martins Fontes, 2004

RODRIGUES, José Honório. **Historia da História o Brasil**. Primeira Parte: Hitoriografia Colonial. São Paulo: Ed. Nacional, 1970.

TIN, Emerson. **Família Del Universo: Arte epistolar e lugar comum nas cartas familiares (1664) de D. Francisco Manuel de Melos**. Campinas, [S.N]. Dissertação de Mestrado Apresentada a UNICAMP, 2003.

VIEIRA, Padre Antonio. **História do Futuro: livro antepimeyro prolongamento a toda história do futuro, em que se declara o fim, & se provão os fundamentos della; matéria, verdade, ET utilidade da história do futuro**. Belém: SECULT/IOE/PRODEPA, 1998. Fac-símile.

_____. Padre Antonio. **Sermão da Sexagésima**.